

The Kuir Sauvage

Pêdra Costa

No final de setembro de 2015, eu vim morar em Viena, Áustria, para começar meus estudos na Academia de Belas Artes de Viena¹, onde estudo num programa que se chama Diploma, um curso de duração de 8 semestres, uma mescla de bacharelado e mestrado. Vivo entre Viena e Berlim, basicamente. Vim morar em Berlim a 5 anos atrás, com o desejo de viver a cena queer e entender o que é ser imigrante² na europa, mas não só isso. Conhecer, para mim, é ter a experiência de vida, essa encruzilhada onde os conhecimentos se encontram e se atravessam ao mesmo tempo e de diversas maneiras. Atualmente, estou assumindo a minha escrita a partir dessa encruzilhada: teorias, vivências, caos emocional, percepções, espiritualidade e erros. É esse caminho que estou seguindo e experimentando e que está aqui me guiando.

No dia 24 de junho de 2016, o dia de entrega de todas as escritas para essa revista, eu irei fazer a fala *the kuir sauvage* no evento *Tristes Tropiques? Counter(Tropical) Season Ending*³ no Tanzquartier Viena⁴, na 8a. Noite dos Direitos Humanos. Isso significa que quando esse texto for publicado, já a terei realizado e todos os feedbacks, conflitos e mal-estar do público não estarão aqui atravessando o texto, mas no meu corpo, porque falar sobre o tropical é falar sobre violências. E de violências meu corpo entende, arde perene, solene.

A proposta, aqui e lá, é lançar uma reflexão sobre os conceitos que o evento propõe para ser discutido. Um evento que tenta problematizar o nome do livro *Tristes Trópicos* (1955) do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, uma etnografia sobre grupos nativos no Brasil.

Intitulei a palestra de *the kuir sauvage*, mesclando palavras em inglês, francês e a forma foneticamente e politicamente traduzida da palavra *queer* que usamos comumente em nossas redes de falantes castelhano e português. O título se conecta diretamente com o mito do bom selvagem, esse lugar que se deu no pensamento europeu que nasce com o contato com as sociedades nativas do continente americano, Abya Yala⁵.



Desse termo surgem fantasias coloniais que se instauram através das denominações das pessoas de “bondades ingênuas e naturais” das sociedades no novo mundo. Ao mesmo tempo, se instaura o termo de civilizados a sociedades européias e de não-civilizados a sociedades nativas, ou seja, de pessoas não-aculturadas. Esse processo de aculturação foi extremamente violenta e, atualmente, questionamos o termo *integração* muito usual para imigrantes na europa, por sua violência intrínseca como imposição para ter direitos.

A teoria queer muitas vezes nos questiona de como seríamos antes da cultura, ou seja, como seríamos sem o pacote de crenças que recebemos ao nascer e que vamos desenvolvendo ao longo de cada caminhada (e luta) para se adaptar a elas, ou para rejeitá-las. E, quando trago a palavra *kuir*, eu trago a questão de que não aceitaremos ser civilizados pela sua integração européia, porque já conhecemos isso profundamente. É uma resistência. Resistência essa que não pode ser demonstrada em toda sua potência de forma direta, mas de forma politicamente estratégica, pois existem muitas questões envolvidas em ocupar espaços de arte. Como falo do meu ponto de vista e a partir do meu corpo, é necessário que haja negociações mas, e principalmente, saber usar as ferramentas aprendidas nesses 21 anos de palco com o intuito de diblar a censura careta das instituições de arte. Em outras palavras, dar o que eles querem, ao mesmo tempo que os criticam e ocupam esses espaços com corpos críticos. Estratégia essa usada de forma excelente nas músicas populares brasileiras da época da ditadura militar no Brasil. Temos todas as informações, só temos que saber como organizá-las a nosso favor.

Abaixo, reproduzo o texto do evento. Ele está em inglês e eu não fiz uma livre tradução pois tento passar nos textos o que eu vivo diariamente: uma comunicação fragmentada em pedaços das várias línguas que me circulam as quais eu tento me expressar.

Tristes Tropiques – the exoticism taking place as a projection on distant regions usually extends to the people that (assumedly) origin in them, and their bodies. An (actual) image difficult to escape from. Which strategies diasporic communities develop in order to protect complex and multi-layered identities and origins as versatile and constantly reinvented singular hybrids that long since should be part of the project for a transcultural society?

In workshops and lectures we will get to know more about sub- and countercultural movements between resisting strategies claiming a “NO EXOTIC” and

possible (self)empowerments and will negotiate and test our own second skins between crossbreeding and dressing. Where do we locate ourselves (as individuals and as a group), move critically between empowerment and appropriation to then move the public space with a parade and celebrate together?

A partir dessas questões, eu trago minhas próprias perguntas que me acompanham desde que cheguei aqui: estou re-atuando como um "corpo tropical kuir" na europa? Como posso criticar os espaços de arte enquanto os ocupo-o? Como saberei se estou criticando e/ou apenas reforçando estereótipos? Como subverter o olhar colonial do público sobre o meu corpo ao mesmo tempo em que assumo a "tropicalidade"?

Na apresentação, eu falarei do meu processo como imigrante kuir, acadêmica e artista. Os tópicos da Antropofagia e Antropopoemia vão estar presentes para criticar a integração entre as culturas, no sentido de "ser o outro como eu sou é revolucionário"⁶ e revelar suas potências. A antropoemia – o vômito – interrompe a digestão e a evacuação: reverte a dialética ao não permitir que se faça a síntese⁷. Lévi-Strauss trouxe ambos os conceitos em seu livro *Tristes Trópicos*. Eu também trarei o livro que criou as primeiras fantasias coloniais sobre o Brasil que se chama *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil* do alemão Hans Staden - e conta sua versão de como foi ser um cativo pela sociedade Tupinambá, com foco no "ritual canibal". Esse livro foi escrito em 1557 e se tornou o primeiro *best-seller* do mundo. Em 1892 foi traduzido para a língua portuguesa e foi o material que inspirou Oswald de Andrade para escrever o Manifesto Antropofágico e, a partir daí, Pindorama passa a usar a potência antropofágica como forma de integração e fica conhecida mundialmente, filosoficamente e artisticamente. Não há como fugir da antropofagia mas há como contrapor com a antropoemia. Podemos dizer não e rejeitar outros conhecimentos impostos, como fizeram com Hans Staden ao não comerem ele e, conseqüentemente, não absorverem seus conhecimentos.

Obviamente eu falo sobre esses temas em conexão com a minha biografia em conexão com a minha rede afetiva. Desde a infância, meus desejos e minha identidade borrada foram sujeitas a violência e isso se tornou a base da minha criação. Na minha jornada pessoal eu me identifico com três linhas de estudos e pesquisa: performance arte, descolonização e dissidências sexuais. Estas abordagens repercutem tanto na minha mente e no meu corpo, bem como na minha prática artística, de tal forma que eu não separo teoria da prática, e nem crítica do meu corpo. Meu corpo torna-se a arena para a

manifestação do desejo, política e história. Ao mesmo tempo o que me inspira é o fracasso e a insegurança. Eu nunca vou ser Judith Butler, mas estando mais próximo de Nízia Floresta, estou satisfeito com a tradução cultural que posso fazer de Butler e suas teorias, em uma infidelidade criativa que me surpreende. Talvez ser infiel é um forte caráter a ser explorado com mais insistência⁸.

Ao ler o e-mail de convite para participar do evento e, antes de respondê-lo, algo se abriu dentro de mim e comecei a escrever uma parte do texto que lerei ao final da fala. Aqui uma parte dele que todavia segue em construção e recebendo feedbacks das amigas.

Nós não estamos aqui pra aliviar a responsabilidade de vocês no caso dos refugiados políticos. Vocês, pessoas brancas, tem a melhor oportunidade para aprender sobre “hibridismo” e estão, novamente, se recusando. Não se aprende sobre isso falando, mas, como meus ancestrais “canibais”, se aprende comendo o outro. É pelo corpo, e não pela cabeça. Nós não vamos trair nossas culturas destruídas, violentadas e massacradas porque estar em conexão com nossas ancestralidades é um ato de resistência ao domínio colonial. Falar e lembrar de nossa história é uma forma de resistir. Não acreditamos na história contada pelo colonizador, pelos que venceram. Minha voz é a voz de pessoas que perderam as identidades e tiveram que aprender, mesclar, hibridar para sobreviver. A hibridação foi uma estratégia de sobrevivência e uma arma de esquecimento e enfraquecimento. Vocês sabem quantos traumas (não é essa a palavra que vocês entendem aqui?) a hibridação criou? Ou, a mim, vejam, a própria materialização do projeto de embranquecimento da sociedade brasileira. Não adianta trazer “o bom selvagem” nesse espaço para amenizar a dor e a culpa que vocês sentem em relação às suas fantasias coloniais e apropriações culturais sobre nossos corpos e conhecimentos. Como me aconselhou Grada Kilomba, eu estou aqui para ocupar espaços de poder porque sei que esse poder é branco, e esse poder é carregado de violência. Se vocês não sabem, eu sinto muita dor quando entro no museu do mundo⁹, sinto minha energia sugada e foi o único lugar até hoje que fiz a performance de “Solange, tô aberta!” onde ninguém dançou. Aquele espaço é um museu de corpos de pessoas não-brancas dissecadas, e expostas para pessoas brancas, como é o caso do *Penacho de Moctezuma*, o *Quetzalcopilli*, ou “coroa sagrada”. Essa estratégia continua se reproduzindo. Vocês não conseguem ver, mas nós vivemos e sentimos isso todos os dias! Eu não estou aqui contra o tropical. O que deve mudar é o olhar de vocês. Estar aqui para mim é ocupar meu direito de fala e não me importa se suas

fantasias sobre mim dizem que eu sou uma pessoa violenta. Enquanto vocês acharem que sou violenta, ou mística, ou intelectualmente inferior, ou sexual, vocês jamais conseguirão sair da armadilha colonial dentro de vocês.

Apesar de ter todas as dúvidas sobre o meu caminho e muitas certezas de como espaços de arte podem ser violentos, eu sigo ocupando-os, cada vez mais. Eu tento, de muitas formas, trabalhar em coletivo e em colaboração para não ser prisioneira das muitas ilusões do mundo da arte e, ao mesmo tempo, potencialize mais artistas. De todas as formas, seguimos existindo, através de nossas resistências contemporaneamente ancestrais, dentro de um sistema político extremamente violento. A bondade é um mito!

Pêdra Costa atualmente está na Academia de Belas Artes de Viena.

1 https://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_de_Belas-Artes_de_Viena Último acesso: 22.06.2016

2 <https://cenaqueer.blogspot.co.at/2014/01/o-corpo-nu-aqui-e-o-corpo-imigrante.html> Último acesso: 22.06.2016

3 <http://www.tqw.at/en/events/countertropical> Último acesso: 22.06.2016

4 O espaço atua desde 2001, sendo uma referência em dança contemporânea e performance na Europa. https://www.mqw.at/fileadmin/MQW/Downloads/mq_spain_20140829.pdf Último acesso: 18.06.2016

5 www.iela.ufsc.br/povos-originaarios/abya-yala Último acesso: 22.06.2016

6 [periferiacentroperiferia https://pedrapedro.blogspot.co.at/2010/05/periferiacentroperiferia.html](https://pedrapedro.blogspot.co.at/2010/05/periferiacentroperiferia.html) Último acesso: 22.06.2016

7 Vômito e não: práticas antropológicas na arte e na cultura. <https://ivseminarioppgartesuerj.blogspot.com.br/> Último acesso: 22.06.2016

8 [periferiacentroperiferia https://pedrapedro.blogspot.co.at/2010/05/periferiacentroperiferia.html](https://pedrapedro.blogspot.co.at/2010/05/periferiacentroperiferia.html) Último acesso: 22.06.2016

9 <http://www.weltmuseumwien.at/en/> Último acesso: 22.06.2016